이베로아메리카 제3집(2001년)

Os adolescentes brasileiros no Japão

- o problema do sistema educacacional -

Yoshikazu Yamochi*

I. Introdução

Segundo dados de SALES, os imigrantes brasileiros no exterior (que, em termos demográficos, significa os sobreviventes e os que não retornaram) representam montante em torno de 1% da população brasileira e pelos dados do Ministério das Relações Exteriores, essa população tem se direcionado em maior proporção para os Estados Unidos (38%), seguido do Paraguai (30%), Japão (13%) e de vários países da Europa que, no conjunto, representam cerca de 11%. (SALES, 1999, P. 17)

Entre esses imigrantes, a migração internacional do Brasil para o Japão foi intensificada, desde meados da década de 80, em toda a comunidade nikkei do Brasil. Esse movimento tem afetado bastante as estruturas econômica, social, política e cultural da comunidade nikkei do Brasil. Por outro lado, tem chamado a atenção de muitos estudiosos, das imprensas, de políticos japoneses por ter aumentado o fluxo e já ter influenciado, de certa forma, a estrutura econômica,

* Associate Professor, Department of Brazilian Studies, Faculty of International Culture Studies, Tenri University

social e política das regiões onde concentram esse brasileiros. Hoje, residem mais de 222 mil brasileiros oficialmente registrados no Japão, isso não contando o número dos japoneses residentes que possuem a carteira de identidade permanente no Brasil e os que foram ao Japão com condição de dupla nacionalidade, assim, a população nikkei do Brasil no Japão hoje já deve somar mais de 350 mil.

Os noticiários frequentemente se referem a esta migração como responsável pelo aumento no Japão, dos chamados problemas sociais como crime, roubo, assassinato, tráfico de drogas, deliqüência de menores, prostituição, etc. principalmente nos últimos cinco anos.

Segundo o noticiário do jornalista OTSUKA, Kunihiro do IP publicado no Jornal Nipo-Brasil, de 11 a 17 de maio de 2000, estão registrados 772 brasileiros presos e 5.242 crimes cometidos por brasileiros no Japão em 1999. Apesar dos dados não serem tão significativos em relação ao volume dos outros estrangeiros residentes no Japão como chineses, iranianos, coreanos, filipinos etc. acha-se importante referenciar para notificar as realidades recentes ocorridas.

> "De total de 13.436 estrangeiros presos em 1999, 772 eram brasileiros: 658 foram acusados pela violação do código penal, sendo que 77 cometeram crimes considerados graves; 67 foram encarcerados como responsáveis por 51 casos de assalto; quatro por dois assassinatos; um por estupro; e quatro por 12 casos de prática de atos obscenos. Os brasileiros ficaram em segundo lugar no número de violação do código penal, registrando no total 5.110 casos, depois dos chineses, que são responsáveis por 12.288 ocorrências. Em relação ao número de crimes graves, os brasileiros também representam o segundo maior grupo, com 67 casos.
>
> Entre os vários tipos de roubos e furtos, a estatística mostra que houve um grande salto no número de arrombamentos de carros seguidos de furtos, que aumentou de 1.551 em 1998, para

> 4.151 no ano passado. Deste total, 3.003 casos foram realizados por brasileiros, que representam ainda a maioria no furto de autopeças, autores de 878 dos 994 casos, e também no roubo de carros, sendo responsáveis por 140 das 217 ocorrências.
>
> Dos 754 estrangeiros presos pelo envolvimento com entorpecentes, 62 são brasilieros, formando o terceiro maior grupo depois dos 190 iranianos e 147 filipinos.
>
> Os brasileiros são a maioria também em número de casos envolvendo menores não-nipônicos de 14 a 19 anos. Foram presos no ano passado 222 brasileiros nessa faixa etária, pela autoria de 1.492 crimes, equivalente a 68,4% do total de 2.180 casos. As províncias com maiores índices de criminalidade de menores brasileiros são Mie (756 casos), Shizuoka (216), Gunma (162), Aichi(126), Kanagawa (38), Toyama (35) e Fukui(31)."

Esse mesmo jornal mostra, que a índice dos brasileiros é de 15,2% do total de crimes cometidos por estrangeiros no Japão e o aumento, em relação ao ano 98, subiu para 54,5%, isto é 3.392 casos registrados.

Pode-se perceber, através do noticiário acima, que a maior incidência de crimes cometidos por brasileiros são roubos e furtos. Muitas estudiosos indicam que esse contingente é composto por uma faixa etária entre 15 a 25 anos de idade, portanto pelos jovens.

Ricardo Sasaki, ex-vice cônsul do Brasil na cidade de Nagóia, analisa o motivo da deliqüência dos brasilieros naquele país na entrevista feita pelo mesmo Jornal: No Japão, em virtude dos pais passarem todo o tempo trabalhando, a constante vigilância e acompanhamento das atividades dos filhos, muito comuns no Brasil, desaparece. Eles se sentem mais livres e essa também pode ser uma via para a prática de delitos.

Relata ainda também, que pelo fato das penas aplicadas aos infratores serem comutadas para liberdade vigiada, condicional ou mesmo multas cria-se a falsa impressão de que elas são brandas e

isso faz com que as pessoas subestimem as leis apesar da existência do caso de um brasileiro que foi condenado à prisão perpétua.

CRIMINALIDADE BRASILEIRA NO JAPÃO

ANO	Nº de Casos	Nº de Presos	População Brasileira no Japão
1991	160	134	119.333
1992	222	174	147.803
1993	344	223	154.650
1994	587	301	159.619
1995	1.503	318	176.440
1996	979	304	201.795
1997	1.202	341	233.254
1998	3.218	536	222.217
1999	5.110	658	dado não disponível

Fonte: Jornal Nippo-Brasil, 11 a 17 de maio de 2000, p.9A

Os dados acima indicam, provavelmente que ausência prolongado da casa dos pais devido à intensidade de trabalho e o desconhecimento ou subestimação das leis japonesas, pode ser uma das causas central dessas ocorrências. Porém, no nosso olhar, parece faltar um espaço sócio-cultural que impedisse brasileiros a cometerem crimes.

Será que no lado do espaço socio-econômico e político, principalmente da educação japonêsa que, dos últimos anos, não tem facilitado, de uma forma ou de outra, a adaptação ao meio de vivência às crianças brasileiras? Muitos estudos demonstram, que a adaptabilidade dos brasileiros em relação ao novo ambiente, principalmente na aprendizagem da língua japonesa, é de se admirar. Citando apenas um exemplo, na Universidade de Tenri, onde o autor é

professor associado, existem mais de 100 estudantes estrangeiros. Entre eles, os brasilieros, na sua maioria, descendentes de japones, têm mostrado uma dedicação formidável em relação aos estudos. De 1995 a 1999, já se encontram mais de 10 brasilieros competindo com estudantes japoneses passando pelo vestibular e ingressando nos cursos oferecidos aos estudantes regulares, não ao curso de Estudos Japoneses oferecido apenas aos estrangeiros.

Se, na realidade, muitos jovens brasileiros têm se adaptado ao sistema educacional japonês, porque se verifica aumento tão intenso de crimes cometidos pelos jovens da mesma nacionalidade, principalmente nos últimos dois anos? O que será que está havendo com jovens brasileiros, que no Brasil a sociedade nikkei é considerada como uma etnia honesta, trabalhadora e garantida? Assim, em nosso interesse é de aprofundar também um pouco esta linha de análise. No entanto, gostaria-se muito de esclarecer que a criminalidade dos brasileiros no Japão não será o tema central deste trabalho, mas o de desvendar as circunstâncias que propiciam aos estrangeiros, principalmente jovens residentes no Japão, a agir desta ou daquela maneira.

ANDRADE, para interpretar a questão da geografia do comportamento e da percepção cita Goodey que admite que a Geografia da Percepção e do Comportamento desenvolve três dimensões de pesquisa que são; a da percepção regional, a do desenvolvimento da percepção espacial da criança e a da percepção da forma urbana.(ANDRADE, 1987, p.114)

Apesar do consenso de todos de que, o grande motivo das migrações dos brasileiros para o Japão seja a busca da ascenção social e melhoria da condição de vida que lhes foi barrada no Brasil,

acreditamos, entratanto que o espaço vivido é percebido de maneira diferente pelos pais e pelos filhos. Isto deve ser muito mais marcante, principalmente, às crianças que acompanharam os pais. A maioria dos pais que trabalha nas emprêsas japonêsas tem um número considerável de conterrâneos a quem podem, possivelmente, contar as dificuldades facilitando assim a adaptação. Por outro lado, as crianças freqüentam as escolas onde o contato é direto com o povo japonês, as vezes, sem ninguém para pedir apoio.

Se há uma nova tendência no comportamento dos jovens que viajaram com os pais ao Japão, na maioria das vezes sem saber a língua e o hábito do país receptor, e receberam a educação unificada naquele país, a percepção do espaço vivencial seja social ou cultural, é necessário que seja analisada.

Vejamos, alguns aspectos: Como é visto o processo de migração internacional do Brasil ao Japão para o japonês. E, como é o sistema educacional japonês, onde o sistema tenta enquadrar o comportamento de todos os alunos numa situação homogênea. As crianças nas escolas japonesas, muitas vezes, são obrigadas a aceitar um padrão de vida e comportamento de igual para igual. Nem sempre isto é possível pois não conhecendo o idioma e desconhecendo as normas da educação no Japão, freqüentemente são discriminados e alvo do Ijime, (atormentar ou maltratar através dos alunos japoneses).

II. A descoberta do tema e o trilhar novos caminhos

Interessei-me pelo estudo desse fenômeno de novos fluxos de

migração internacional, particularmente, ao Japão, quando pesquisei, de 1989 a 1991, a colônia Nikkei de Uraí (Norte do Paraná) para a realização de Dissertação de Mestrado no Departamento de Geografia da USP.

Neste trabalho, o autor pretendeu compreender como se deu a inserção dos japoneses na sociedade brasileira, em particular no município de Uraí (PR). E para isso, foi necessário retroagir no tempo com o objetivo de alcançar um pouco as raízes que os levaram a migrar para o Brasil e posteriormente para as frentes de expansão no interior do Estado de São Paulo e ao norte do Estado de Paraná.

O processo de inserção dos japoneses na fronteira agrícola do Estado de São Paulo e do Norte do Paraná foi provocado pela expansão da produção do espaço, com base no café. As transformações nas estruturas econômica, social e política do Brasil, nessa fase da história, levaram os japoneses a fazer empreendimentos comprando terras, loteando-as a preço mais acessíveis, criando a possibilidade de ascensão econômica e social de muitos japoneses que se deslocaram às essas regiões.

Os japoneses que se deslocaram às essas regiões criaram comunidades japonesas nas regiões de fronteira agrícola e planejaram a idealização ou conscientização sobre a fixação nas terras brasileiras, iniciando-se com a criação de escolas de língua japonesa.

No caso, porém, dos imigrantes japoneses de Uraí, cujo empreendimento de venda dos lotes iniciou-se a partir de 1938, o desenvolvimento da economia acompanhou a mudança da estrutura agrária, sobretudo a partir da década de 60. O processo de adaptação e participação da comunidade uraiense na sociedade brasileira, apesar de não se intensificar no setor de preservação da cultura e do idioma

de origem, foi de forma intensa e natural, com a característica peculiar em comparação com as outras colônias japonesas existentes no Brasil. A comunidade mateve-se sempre a favor da educação brasileira aos seus filhos, trazendo com isso uma série de problemas de desentendimento entre diferentes gerações. Entretanto, a preocupação com a instrução das novas gerações era um fato notório.

Dentre essas diferentes evoluções das colônias japonesas conforme regiões de sua formação, um novo processo de migração internacional chamado dekassegui (movimento migratório atual e muitas vezes temporário para o Japão) era visto desde meados da década de 80, em toda a comunidade nikkei do Brasil, cujo movimento tem afetado profundamente as estruturas econômica, social , política e cultural da comunidade.

As diferentes formas de evolução da comunidade nikkei, de certa forma influiu neste recente movimento rumo ao Japão. Assim, as comunidades que valorizaram o ensino do idioma japonês, preservando-o e incentivando o seu estudo foi mais procurado pelos agentes recrutadores, como por exemplo o Município de Assaí no Estado do Paraná, Bastos, Mogí das Cruzes, Suzano e Registro no Estado de São Paulo. Ao contrário, provavelmente, os filhos de Uraiense devem ter sido menos procurados, pelo menos na fase em que se podia fazer uma procura dirigida.

Apesar de o tema migração já ter sido trabalhado em vários campos das ciências, particularmente no que se refere à questão do movimento dekassegui, sobretudo com abordagem referente às análises comparativas das opiniões dos pesquisadores principalmente brasileiros, entretanto sob a ótica das publicações do Japão e da opinião dos japoneses a respeito desta mão-de-obra ainda são pouco

explorados no Brasil.

O movimento migratório dos estrangeiros em geral ao Japão já se divide em 4 categorias: 1) os que entram no Japão sem possuir passaporte ou com passaporte falsificado; 2) os que entram com o visto de turista e após término de permanência legal resolvem não voltar ao país de origem e se empregam; 3) os que entram com o visto que não permite trabalhar mas o fazem; 4) os que trabalham com o visto de longa permanência como os nikkeis provenientes da América Latina. (KOMAI, 1993, p.15) É nesta categoria que se enquadra a maior parte dos trabalhadores brasileiros.

Torna-se, portanto, necessário posteriormente um estudo mais cuidadoso sobre a evolução da legislação sobre a migração pois também no Japão não é um fenômeno homogêneo.

Apesar dos freqüentes discursos a respeito da discriminação dos japoneses para com os nikkeis brasileiros existentes, ao nível regional, esforço considerável em recebê-los adequadamente têm sido realizados. Há municípios preocupados em preparar guias, manuais e panfletos, em português, para facilitar a adaptação das pessoas na escola. Não é incomum contratarem pessoas bilíngues ou ainda aceitam voluntários para fazer a ponte entre as crianças e a escola, isto é pessoas para o ensino do idioma japonês para os nikkeis brasileiros e de outras nacionalidades.

Assim sendo estamos atentos também aos olhares divergentes e convergentes contidos tanto nas publicações japonesas e brasileiras sobre migrações internacionais, específicamente dos dekasseguis, como em pesquisa de campo, no Japão e no Brasil de como os japoneses vêem os dekasseguis, em particular, aqueles procedentes do Brasil.

Se em boa parte o Japão recebeu uma mão-de-obra já preparada,

apta ao trabalho, agora torna-se necessário arcar com o custo adicional como a saúde e escolarização dos filhos de trabalhadores.

Através da revisão bibliográfica e na visão do autor, japonês com mais de 10 anos de vivência no Brasil e professor associado do Departamento de Estudos Brasileiros da Faculdade de Culturas Internacionais da Universidade Tenri no Japão, servindo de intérprete, já algumas vezes, à polícia local para o serviço de interrogação dos criminosos brasileiros percebe-se que têm várias ollhares no Brasil e no Japão sobre os acontecimentos.

No campo da Geografia brasileira verifica-se a existência de trabalhos consideráveis que mostram as preocupações com o movimento migratório; assim sendo destacamos algumas publicações:

ASARI, Alice Yatiyo, E eu só queria voltar ao Japão (colonos japoneses em Assaí), São Paulo, Tese de Doutoramento apresentado ao Departamento de Geografia da FFLCH, USP, 1992

ASARI, A.Y. & YOSHIOKA Reimei, Migrações Ultramarinas. Trabalhadores brasileiros no Japão, Londrina, Semina: Ci. Sociais/Humans, v. 17, n. 3, pp. 237-245, UEL, set. 1996

ROSSINI, Rosa Ester, O retorno às origens ou a luta pela cidadania. O exemplo dos dekasseguis do Brasil em direção ao Japão, Revista da USP, São Paulo (27):24-31 set./nov. 1995

YOSHIOKA Reimei, Por que migramos do e para o Japão, São Paulo, Massao Ohno Ed. 1995 (Tese de Doutoramento apresentada a FFLCH-USP)

YOSHIOKA R. & SAM Silvio, DEKASSEGUI Com os pés no chão·no Japão, São Paulo, Ysayama Ed. 1999

Além da Geografia, outras áreas de conhecimento tem se preocupado com o tema dekassegui havendo número considerável de

publicações tanto no Basil como no Japão.

Ⅲ. O espaço vivido dos dekasseguis

Apesar de serem originários descendentes de japoneses nascidos no Brasil, os que estão trabalhando no Japão têm enfrentado graves choques culturais, por causa de uma mudança radical do ambiente. Por parte dos estudiosos brasileiros parece que a preocupação está voltada mais às questões trabalhistas, previdenciárias, de segurança, adaptação e educação das crianças. Portanto, estão preocupados no sentido de como adaptá-los no novo ambiente e oferecer bem estar social, econômico e político, incluindo preservação da cultura de origem. Pode-se dizer que dão relevância à parte individual e humanista.

A POPULAÇÃO ESTRANGEIRA REGISTRADA NO JAPÃO (1999)

País de origem	Número Total Registrado
Total	1.556.113
Coréia (Norte e Sul)	636.548
China	294.201
Brasil	224.299
Filipina	115.685
E.U.A	42.802
Perú	42.773
Outros	199.805

Fonte: Ministério da Justiça do Japão 1999

Por outro lado, a preocupação dos estudiosos japoneses sobre o assunto parece haver uma visão diferente. Sendo um país desenvolvido, que recebe pela primeira vez na história japonesa, um contingente muito grande de migrantes estrangeiros, têm preocupação maior em como receber esses elementos e como adapta-los ao novo ambiente. Segundo os dados estatísticos de 1999 do Ministério da Justiça do Japão, o número de estrangeiros registrados legalmente é de 1.556.113 pessoas e ultrapassou mais de 1% da população total do Japão não contando com os estrangeiros ilegais que entram ao Japão clandestinamente como no caso dos chineses do continente, filipinos , iranianos e chineses.

Na história japonesa recente, a introdução de mão-de-obra estrangeira iniciou-se um pouco antes da Segunda Guerra Mundial, ainda na época em que adotava a política expansionista trazendo os coreanos para trabalho braçal. Mas, isso não significa que o movimento recente de entrada dos estrangeiros seja continuidade dessa introdução.

Segundo KOMAI, o movimento da entrada dos estrangeiros que tem continuidade até hoje teve início no fim da década de 1960. Começou com a entrada dos estudantes e estagiários asiáticos como coreanos, chineses, tailandeses, filipinos, etc. Eles foram ao Japão, porque o Governo Japonês começou a oferecer bolsas de estudos aos estudantes estrangeiros dos países periféricos do Japão a fim de divulgar as técnicas nas áreas de indústria, agrícola e educacional. No entanto, muitos que chegaram ao Japão, mesmo terminando os estudos, permaneceram no mercado de trabalho considerado pesado e de risco, inclusive na prostituição. (KOMAI, 1993, p.15) Assim, os japoneses estudiosos do assunto sobre os dekasseguis brasileiros,

muitas vezes, colocam os trabalhadores nikkeis dentro do contexto geral de movimento de entrada dos estrangeiros como um todo.

Para as empresas que empregam trabalhadores estrangeiros é indiferente admitir nikkeis ou asiáticos de outras procedências, desde que desempenhem bem o trabalho, sem criar problemas. A essas empresas, muitas vezes subcontratadas, não existe preocupação de verificar se a pessoa está com o visto de trabalho legal, pois a fiscalização no Japão é pequena.

No Brasil, com a saída de elementos mantenedores da economia familiar, não somente no âmbito particular, houve também modificação na estrutura das colônias como um todo.

Como foi assinalado, existem diversos trabalhos de geógrafos e outros cientistas sobre o assunto, mas é uma visão de brasileiros que vê o seu conterrâneo no exterior. Pouca literatura existe em português de japoneses daquele país vendo a afluência de estrangeiros, entre eles os brasileiros, ingressando no seu mercado de trabalho.

Residindo no Japão, vendo e lendo a mídia local, percebe-se que há uma nítida diferença no tratamento da questão de trabalhadores estrangeiros. Apesar de os nipo-brasileiros serem tratados como descendentes de japoneses nascidos no exterior e como tal terem visto de longa permanência, a população japonesa os trata como estrangeiros mesmo falando um pouco do idioma daquele país e tendo a mesma fisionomia.

Tratam os nikkeis brasileiros como estrangeiros, no entanto, de forma diferente dos chineses, coreanos ou outros asiáticos. Na ótica do autor, o tratamento dos japoneses diante dos asiáticos é diferente conforme background histórico de cada povo. Por exemplo, no caso

dos coreanos, cuja discriminação contra eles é nítida ainda no Japão, em sua maioria são de segunda ou terceira geração nascidos no Japão. Mesmo nascidos no Japão, são considerados estrangeiros porque a lei japonesa adota o jus sanguinis e não jus solis.

Na pesquisa feita pela Universidade de Tsukuba (1974), (1986) e (1987), nas cidades de Tóquio, Naha e Sapporo mostra nítidamente a distanciamento em relação aos estrangeiros de aceitar como amigos ou como seus parentes:

Preconceito dos Japoneses Conforme Diferentes Etnias

Você os aceita como amigo íntimo? (1)
Aceita eles para o casamento com seus irmãos ou filhos? (2)

	em 1974 (em Tóquio) em % (1) · (2)	em 1986 (em Naha) em % (1) · (2)	em 1987 (em Sapporo) em % (1) · (2)
brancos	43 · 21	56 · 18	55 · 22
negros	39 · 12	41 · 9	44 · 14
coreanos	36 · 13	46 · 14	53 · 17

Fonte (KOMAI:1993, p.330)

A pesquisa mostra, que apesar de serem da mesma etnia, isto é a raça amarela, os coreanos são menos aceitos pelos japoneses que os brancos.

Na ótica do autor, o preconceito dos japoneses para com os nikkeis não deve apresentar um índice tão alto, uma vez que os nikkeis que estão no Japão e possuem o Koseki japonês (o registro civil de censo da família de origem) para poder obter o visto de trabalho no Japão é o fato que facilita sua identidade. Isto significa que os japoneses que

recebem os nikkeis no Japão sabem que estão recebendo os descendentes de japoneses.

Por outro lado, mesmo havendo esse consentimento com os nikkeis brasileiros, os empregadores por sua vez, na maioria das vezes, contratam indistintamente, da mesma forma os estrangeiros, isto é não observando as exigências trabalhistas.

Outro ponto a ser levado em consideração é a perspectiva a longo prazo, pois a população japonesa tem uma expectativa de vida das mais longas do mundo e há previsão de diminuições da população total dentro de alguns anos. Segundo pesquisa feita pela Universidade de Tóquio, a falta de mão-de-obra no mercado de trabalho japonês do ano 2000 é de 2.700.000 pessoas. (KOMAI:1993 p.300) Há pesquisador da ONU que afirma ser necessário importar milhões de trabalhadores do exterior se o país quiser mantiver o mesmo nível econômico apesar da modernidade tecnológica. Dentro desta preocupação, certamente os países asiáticos serão preferidos pela grande disponibilidade de mão-de-obra e por ser mais próximo do que o Brasil.

Ⅳ. Educação no Japão

As migrações são sempre um tema importante para as ciências humanas, em particular para Geografia. A humanidade recria, modifica o espaço já ocupado, não só se estabelecendo, mas disputando o mercado de trabalho nos países desenvolvidos.

Entender o mundo atual globalizado é muito difícil, dai por que também o geógrafo deve se socorrer da chamada interdisciplinalidade

sob pena de seu trabalho ficar muito limitado.

No mundo contemporâneo, existem outros pesquisadores estudando migrações brasileiras para os EUA, para a Europa, para os países fronteiriços como o Paraguai, mas cada uma delas têm uma especificidade apesar de pertencer a uma lógica geral do capitalismo. No caso dos trabalhadores brasileiros para o Japão, na fase inicial, a migração era sobretudo de homens adultos, que eram absorvidos nas indústrias. Quando este setor passou pela crise, não houve entretanto o retorno de trabalhadores ao país de origem, estes passaram para outros de prestação de serviços e em regiões diversas da anterior acrescidos de outros membros da família, inclusive dos menores.

Se na fase inicial, o Japão recebeu uma mão-de-obra já preparada, apta ao trabalho, agora terá que arcar com o custo adicional como a saúde e escolarização dos filhos de trabalhadores. Tudo isso, certamente, teve também reflexo na entrada de divisas para o país emissor de trabalhadores, no caso o Brasil.

A mobilidade de trabalhadores aumentou no Japão, assim como os chamados problemas sociais como o crime, roubo, assassinato, tráfico de drogas, deliqüência de menores, prostituição, etc.

O Japão, que até a década de 60 contava com poucos estrangeiros no seu território, passou a receber milhares de pessoas estranhas aos seus usos e costumes e sob influência da mídia passa a associar os crimes e contravenções com os gaikoku jins. Cruzar na rua com eles infunde medo, insegurança. Tê-los como vizinhos equivale a perder liberdade, pois os japoneses habituados a se relacionarem entre eles, não sabem como conviver com os estrangeiros.

As crianças brasileiras freqüentam as escolas até o nível ginasial, isto é, até os 15 anos de idade e é obrigatório freqüentar as escolas

perante a lei japonêsa.

Já há exemplo de violência incessante de estudantes japoneses do nível colegial e ginasial. No dia 28 de janeiro de 1998, ocorreu o primeiro caso de assassinato na escola. Um estudante do 1º ano ginasial do Município de Kita-Kuroiso da província de Tochigi matou friamente uma professora da mesma escola com urna faca escondido no bolso alegando que a professora chamou atenção dele advertindo pelo atraso de 10 minutos para início da aula.

A começar desse fato, as mesmas ocorrências de violência com uso da faca nas escolas continuou até o mês de março nas diferentes provincias japonesas. Imediatamente, a polícia da província de Saitama verificou o índice dos estudantes do nível colegial e ginasial a possuirem e carregarem nas escolas as facas escondidas. O índice foi assustador. Os que possuíam facas somavam 294 alunos o que correspondia 3.2% do total de alunos dessa província.

Em agosto do mesmo ano surgiu uma outra ocorrência na província de Wakayama. Uma estudante de 3º colegial enviou para colegas e professores da mesma escola 27 garrafas de cresol altamente venenoso escrevendo na carta que era remédio para emagracer. E, um estudante acreditando tomou o cresol. Na enterrogação da polícia, a estudante confessou que ela foi alvo de ijime, isolamento, maltratação ou judiação através dos colegas em maio do mesmo ano e queria vingança.

Segundo a estatística apresentada pelo Ministério da Educação Japonês, o número de violência contra professor, entre estudantes e danificação das materiais escolares - ocorrido nas escolas ginasiais japonesas, no ano 1996, era de 8168 casos nos 1862 ginásios, o que representa 17,7% do total das escolas ginasiais no Japão. E, no nível

colegial, esse número era de 2406 casos nas 918 escolas, que representa 22 % do total das escolas colegiais. O índice aumentou 50% em relação ao ano anterior.

Concomitantemente o aumento da violência e ijime nas escolas, a partir de 85, começa a ser verificado assim como aumento de número dos alunos que não freqüêntam todos os dias as escolas. No ano 95, os estudantes que não foram mais de 50 dias ao ano às aulas, no nível primário era de 12.781 e no nível ginasial foi de 54.060 alunos. Cresceu o número de não frequência de 30 dias, sendo que no primário foi de 16.566 e no ginásio 64.996 alunos.(The Issues for Japan 1999, pp. 452-469)

A educação japonesa veio marchando, até hoje, fazendo várias reformas de ensino. A primeira reforma ocorreu logo após Restauração Meiji, objetivando criar a possibilidade de partir para formação da sociedade moderna capaz de alcançar e ultrapassar a civilização ocidental. A segunda reforma ocorreu logo depois da Segunda Guerra Mundial onde as metas a alcançar eram de Democratização, Popularização e Igualdade de ensino reforçado pela ocupação do governo norte americano. E, após 1980, a terceira reforma surgiu através da necessidade de adaptar ao progresso do mundo de Globalização e de Informática dentro da diversificação do estilo de vida e do alto consumo acompanhado de terceira mudança dos objetivos que são Personificação, Liberdade e Internacionalização do ensino.

Porém, essa terceira reforma não visava à reforma total do sistema educacional japonês, pois no meio dos objetivos escondia uma forte intenção de preservar os conteúdos de formação das elites, criação dos capacitados. Visava apenas sustentar e manter a amplitude do

sistema. Como resultado, criou um sistema altamente severo aos estudantes de todos os níveis.

Os estudantes japoneses do nível primário e secundário em geral são obrigados a entrarem na escola muito cedo, pois as aulas começam às 9 horas da manhã. Como o sistema é integral, as aulas terminam só de tarde nos dias normais. Após o término das aulas, alguns alunos dos cursos ginasial e colegial freqüentam o clube de esporte ou de cultura da sua escolha que a própria escola lhes-oferece. Terminando as atividades de clube muitos estudantes ainda vão à Juku, escola particular de reforço de estudo. Muitos chegam de noite às suas casas. Cansados das atividades do dia, as tarefas escolares esperaram por eles ainda. O objetivo de todo esse esforço é único, entrar nos melhores colégios e posteriormente nas melhores universidades, pois a competitividade é muito grande no Japão.

É do conhecimento de muitos que a taxa de natalidade japonêsa é aproximadamente de 1. 4. Os pais japoneses que preferem ter poucos filhos devotam ao filho o sonho de obter um sucesso na ascenção social via escolaridade, formando os nas melhores universidades. Assim, os filhos queiram ou não queiram, obedecem a idealização dos pais desde pequenos. Mas nem todos conseguem realizar o sonho dos pais e ficam stressados recorrendo à violência, ijime, suicídio, não frequentam mais a escola ou deixam de estudar.

As opiniões apresentadas pelas imprensas japonesa sempre questionam a atuação das escolas e do sistema de ensino. Os educadores questionam o comportamento dos pais em relação aos filhos. E, os pais questionam a política adotada pelo governo.

É nesse ambiente escolar em que ingressam as crianças brasileiras,

muitas vezes sem ter acesso inicial à lingua do país. E, quando resolvem optar pelo sistema educacional japonês, os pais optam pela identidade brasileira como afirma OLIVEIRA:

> "…No caso desses desecendentes de japoneses, justamente por terem penetração nos dois contextos, mesmo que na realidade não se sintam em nenhum deles, há o favorecimento de transporem-se de uma identidade a outra, conforme a caso. No Japão, essa identidade parece se fazer mais clara, pois lá ele não tem dúvida: é um brasileiro. Um brasileiro que está apenas trabalhando no Japão, está de passagem. Esse processo de migração faz com que exista uma maior facilidade na hora de identifica-se, graças a todos aqueles fatores que foram expostos, tanto em relação ao choque cultural, como em relação à rejeição dos japoneses. Lá, as ilusões de ser um japonês acabam. Seria possível dizer que em nenhum outro momento anterior de suas vidas essas pessoas tenham se sentido tão brasileiras quanto lá." (OLIVEIRA, 1999, p.302)

Há muitos casos ainda no Japão, de os pais se comunicarem em português com os filhos que não entendem mais o português. E a situação está cada vez mais agravante. Segundo o dado apresentado por SASAKI, o aumento gradual do número de filhos de dekasseguis nascidos no Japão é de 4 mil crianças descendentes de brasileiros por ano. (SASAKI, 1999, p.260)

Não se pretendia demonstrar aqui motivos os quais resultaram o aumento do índice de criminalidade dos jovem brasileiros no Japão, nem culpar o sistema japonês de educação. Mas, se de fato existe uma diversidade de percepção não se deve ignorar esses olhares.

Enfim, é voz geral entre os dekasseguis que, apesar de se ter conseguido economizar bastante no Japão, o Brasil é o lugar para

viver e sobreviver.(ROSSINI, 1996, p.109)

Se a maioria dos dekasseguis brasileiros possue a idéia de retornar ao país de origem, mais cedo ou mais tarde, na ótica do autor, é de suma importância e de suma necessidade perceber a necessidade de se olhar para as crianças antes que seja tarde.

A grande pergunta que fica é: Será que este retorno de fato ocorrerá?

Bibliografia

1) AKAPOHI, Marcos Jun, Movimento migratórios no contexto histórico atual: Os dekasseguis do Brasil ao Japão, Monografia para obtenção de título de Bacharel apresentado ao Departamento de Geografia da FFLCH, USP, 1999
2) ANDRADE, Manuel Correia de, Geografia Ciência da Sociedade, São Paulo, Atlas S.A., 1987
3) ASARI, Alice Yatiyo, E eu só queria voltar ao Japão (colonos japoneses em Assaí), São Paulo, Tese de Doutoramento apresentado ao Departamento de Geografia da FFLCH, USP, 1992
4) ASARI, Alice Yatiyo. & YOSHIOKA Reimei, Migrações Ultramarinas. Trabalhadores brasileiros no Japão, Londrina, Semina: Ci. Sociais/Humans, v. 17, n. 3, pp. 237-245, UEL, set. 1996
5) OLIVEIRA, Adriana Capuano de, Repensando a identidade dentro da emigração dekassegui, in Cenas do Brasil Migrante, Boitempo, São Paulo, 1999
6) ROSSINI, Rosa Ester, O retorno às origens ou a luta pela cidadania. O exemplo dos dekasseguis do Brasil em direção ao

Japão, Revista da USP, São Paulo (27):24-31 set./nov. 1995
7) ROSSINI, Rosa Ester, O retorno às origens ou o sonho do encontro com o Eldorado japonês: o exemplo dos dekasseguis do Brasil em direção ao Japão in Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo, FNUAP, Campinas, 1996
8) SALES, Teresa, Brasileiros longe de casa, Ed. Cortez, São Paulo, 1999
9) SASAKI, Elisa Massae, Movimento Dekassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão, in Cenas do Brasil Migrante, Boitempo, São Paulo, 1999
10) YOSHIOKA Reimei, Por que migramos do e para o Japão, São Paulo, Massao Ohno Ed. 1995 (Tese de Doutoramento apresentada a FFLCH-USP)
11) YOSHIOKA R. & SAM Silvio, DEKASSEGUI Com os pés no chão·no Japão, São Paulo, Ysayama Ed. 1999
12) 駒井洋『外国人労動者をみる眼』明石書店, 1990年
13) 駒井洋『外国人労動者定住への道』明石書店, 1993年
14) 桑原靖夫『国境を越える労動者』岩波新書, 1991年
15) 田中宏『在日外国人・法の壁, 心の溝』岩波新書, 1995年
16) 藤田英典『教育改革・共生時代の学教づくり』岩波新書, 1997年
17) 文芸春秋編『日本の論'99』The Issues for Japan 1999, 文芸春秋, 1998年
18) 宮島喬『外国人労動者と日本社会』明石書店, 1993年
19) 二宮正人編『日系コミュニティ-の将来』ブラジル日本文化協, 1995年
20) 森幸一「ブラジルからの日系人デカセギの15年」『ラテン・アメリカレポート』アジア経済研究所, 1999 VOL.16 No.2 pp.2-14
21) Jornal Nipo-Brasil, Internacional Press Brasil, Ano IX - Nº 052 - Periodicidade Semanal, 11 1 17 de maio de 2000, Sao paulo